Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 265

1 DE MAIO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Não ha bem que sempre dure nem mal que não acabe, é bem certo!

A Patti indo-se embora de S. Carlos e de Lisboa, veiu mais uma vez demonstrar-nos a verdade terrivel da primeira parte do proverbio, agora a inauguração do monumento dos restauradores acaba de nos provar consoladoramente a verdade compensadora da segunda parte do axioma da sabedoria das nações.

Pois francamente iamos já acreditando que tudo podia acabar n'este mundo, tudo, menos a reclusão de paninho preto a que estavam condemnadas desde o seu primeiro dia as estatuas da Victoria e da Independencia, do monumento da Avenida.

Aquellas duas estatuas em que Lisboa toda acreditava sob palavra, pareciam ser encobertas de nascença, como de nascença é o almirante suisso d'essa *Vie Parisienne* que o celebre Dupuis veiu agora ressuscitar no theatro de S. Carlos.

Finalmente chegou o dia de cahir o panno, e as duas bellas estatuas do sr. Alberto Nunes e do sr. Simões d'Almeida, surgiram aos olhos admirados dos lisboetas que soltaram um *alfine* ruidoso de contentamento como a sr.ª Schalchi ao chegar á Babylonia... da rua Nova dos Martyres.

Ha que tempos que esse monumento, inaugurado no proprio dia em que escrevemos estas linhas, dia 28 de abril, fez a sua entrada no antigo passeio publico do Rocio.

Foi em 1875 que a primeira pedra se lançou ainda dentro da jaula que o sr. Rosa Araujo, — honra lhe seja! — transformou na formosa avenida, que é hoje a honra da nossa capital.

Essa pedra foi lançada com a solemnidade do estylo, e logo depois veiu o tapume e Lisbóa começou a indignar-se por lhe desfeiarem ainda mais o passeio publico da sua musica do domingo, dos seus fogos de vista das noites de festa e dos seus brazileiros de todos os dias da semana.

O monumento foi crescendo pouco a pouco, muito lentamente, como planta semeada em terreno pouco proprio.

Finalmente ao cabo de sete annos o monumento ficou prompto. As duas estatuas symbolicas da Victoria e da Independencia foram para ali transportadas competentemente vendadas, e começaram então a esperar, por detraz dos seus pannos negros, que chegasse para ellas o dia da libertação.

E fartaram-se de esperar, pobres estatuas.

Portugal esperou 60 annos pela sua libertação; mas as pobres estatuas esperaram uns bons 60 mezes!

Francamente nós já não sabiamos como ellas tinham paciencia de estar lá dentro a fazer esses estudos de prisão cellular perpetua!

De vez emquando corria a noticia de que se ia descobrir as estatuas.

Mas a descoberta da America levou muito menos tempo, e teve muito menos embaraços do que a descoberta da Victoria, do sr. Simões d'Almeida, e da Independencia, do sr. Alberto Nunes.

E' ámanhã, é depois, é para a semana, e de repente surgia um obstaculo, dava-se um acontecimento, intervinha uma catastrophe e a inauguração do monumento dos restauradores ia ficando para quando as galinhas tivessem dentes.

D'uma vez eram os terramotos da Andaluzia, da outra a morte do rei de Hespanha, da outra o fallecimento de el-rei D. Fernando, e as estatuas iam soluçando ao vento da Avenida as suas dolentes supplicas:

— Quem me tira d'aqui este panno!

Quando as grades do Passeio cahiram e a Avenida se desdobrou até Valle de Pereiro ás pernas tropegas dos lisboetas habituados ao becco do Chiado e ao alegrete do Passeio Publico, julgou-se que seria o dia da inauguração do monumento.

Esse monumento, destinado a ornamentar a entrada do fallecido Passeio, achava-se de repente abrindo ou, mais propriamente, tapando, a entrada da arteria mais importante do nosso paiz.

Como pittoresco, como belleza, como utilidade, esse monumento não ficava ali muito bem, deve-se confessar, mas em summa já lá estava e um monumento embora pequeno não muda de local com a mesma facilidade com que um homem, embora grande homem, muda de opinião politica.

E depois se esse monumento não estava ali muito bem como ornamentação da Avenida, estava excellentemente como rhetorica.

A Avenida como se chama? Da Liberdade. O monumento como se denomina? Da Independencia. Perfeitamente — a Independencia abrindo o caminho da Liberdade.

Era até mimoso como estylo.

O necessario, porém, era desvendar o monumento.

Finalmente chegou esse dia: — *Eureka.*

As calendas gregas já não são uma palavra vã.

E este um dos numerosos beneficios que Lisboa deve ao casamento de sua alteza o Principe Real.

Toda a imprensa tem accentuado e muito bem que a inauguração do monumento da Independencia, a sua erecção, não significa de modo algum uma manifestação de malquerenças antigas, de odios seculares, mas simplesmente a affirmação d'uma gloria nacional.

E assim deve ser, e nem mesmo podia deixar de ser assim.

Não ha nada mais disparatado, mais imbecil, mais comico, do que a ressureição de odios antigos e de tornar as gerações de hoje responsaveis pelas offensas das gerações passadas.

Rochefort encontrou ha annos na America um allemão que se bateu ferozmente contra a França em 1870, e que lhe disse com uma alegria mal disfarçada:

— Então o que lhe parece? Não acha que em 1870 nos vingámos bem da morte de Conradino?

Rochefort olhou-o estupefacto e pediu-lhe amavelmente explicações e veiu então a saber que aquelle allemão se batera como um damnado contra os francezes em 1870, porque os francezes tinham morto em 1269 Conradino de Hohenstoffen!

A inauguração do monumento da Praça dos Restauradores não vem levantar odios extinctos,

D. Narciso Martinez Izquierdo, bispo de Madrid, assassinado em 18 de abril de 1886

nem resuscitar rancores mortos, vem simplesmente perpetuar uma data gloriosa da nossa historia.

Não é uma questão pessoal, é uma festa nacional e todos nos associamos a ella francamente, alegremente, sem reservas nem malquerenças, sem pensamentos reservados em Conradino algum.

Na noite da inauguração do monumento representou-se no theatro de D. Maria um drama patriotico, original do sr. Miguel Osorio, um magistrado muito circunspecto e respeitavel que ha muitos annos empregou os seus ocios do tribunal na confecção de um drama historico, baseado na restauração de Portugal, drama que tem soffrido todos os azares da inauguração do monumento da Independencia.

Para ver a luz da rampa, esse drama tem esperado o mesmo tempo e passado pelas mesmas vicissitudes que as estatuas symbolicas da Independencia e da Victoria passaram para ver a luz do dia.

Esteve para se ensaiar muitas vezes, e muitas vezes deixou de estar; por fim ensaiou se e não foi á scena; quando estavam as vistas promptas, os papeis sabidos, os actos apurados, addia-se a inauguração e o drama volta para casa do auctor. Finalmente hoje, no dia em que escrevemos, d'aqui a algumas horas essa peça deve apparecer ao publico convidado pela commissão 1.º de dezembro no theatro de D. Maria em recita de gala.

Que depois de tão longas demoras o *successo* o receba de braços abertos, são os nossos votos sinceros.

E passando do theatro de D. Maria — onde hoje não viemos, porque a recita sendo de convite, entra no numero das festas e baptisados a que se não deve ir sem ser convidado — ao theatro de S. Carlos, onde assistimos já a duas recitas da companhia franceza de operetta, que alli veio succeder immediatamente a companhia italiana, fecharemos a nossa chronica com uma rapida noticia ácerca d'essa companhia que traz á sua frente uma verdadeira notabilidade no genero — o actor Dupuis.

Eu naturalmente vou ser amaldiçoado por muita gente grave e circunspecta, mas tanto se me dá como se me deu — começo por declarar que gosto muito dos espectaculos da companhia franceza de S. Carlos.

E gosto muito porque me divertem immenso, favor que muitos espectaculos altamente recommendados pela critica sisuda e austera, se não dignam fazer-me.

Podem dizer-me que a companhia mesmo no seu genero não é de primeira ordem; que aquelle espectaculo não está bem n'aquelle theatro cheio de tradicções, podem dizer-me tudo isso, mas eu gosto muito.

Em primeiro logar importa-me muito pouco, não me importa inteiramente nada, para ser ainda mais franco, que o espectaculo seja ou não seja proprio do theatro.

O que eu peço, desde o momento em que vou a um espectaculo é que esse espectaculo me divirta — com o mais não tenho nada absolutamente.

Emquanto as tradicções de seriedade, não as comprehendo muito bem, mas dado de barato as comprehendesse não sou encarregado de fiscalisar as tradicções de theatro nenhum.

Como espectador o que quero é que em troca de tres ou quatro horas do meu tempo, o theatro me dê tres ou quatro horas de divertimento.

E a acompanhia franceza de S. Carlos cumpre este contracto briosamente.

O Dupuis é um artista completissimo no seu genero — e eu morro por esse genero, confesso-o sem vergonha.

Tem uma *verve* enorme, uma bella graça parisiense, a *charge* de bom tom, com uma distincção elegante, puramante franceza, o que n'este genero não se acha em nenhuns outros artistas do mundo.

A sr.ª Chassaing, a sr.ª Lenz, a sr.ª Maurel, não se chamam Judic e Chaumont, nem mesmo Preciozi ou Marie Denis, bem sei, mas são formosas algumas, ou se não o são parecem-n'o, o que para nós espectadores vem a ser a mesma cousa, elegantes, graciosas, tem vivacidade, alegria, bom humor, essas cousas deliciosas que nós não estamos habituados a encontrar nos nossos palcos onde raras vezes apparecem francezas — as unicas possuidoras d'esses bellos segredos; — representam com *entrain*, que suppre n'essas peças perfeitamente o talento, cantam com *cranerie*, o que n'essas musicas substitue perfeitamemte a voz, dançam com espirito, o que é muito mais divertido do que ver dançar com arte, e por isso nós não indagamos nada mais e vamos assistir a todos os espectaculos da companhia franceza com um contentamento e um bom humor, que muitas vezes não levamos para outros espectaculos muito mais *réclamados* pela grande arte, mas muito menos divertidos e alegres.

E quem quizer que nos amaldiçoe, que perde completamente o seu tempo e o seu latim.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. NARCIZO MARTINEZ IZQUIERDO

BISPO DE MADRID

Uma occorrencia desgraçada fez circular em poucas horas por todo o mundo civilisado o nome do primeiro bispo de Madrid, D. Narciso Martinez Izquierdo, como o da victima de um monstruoso attentado que surprehendeu dolorosamente todos os espiritos.

Foi no domingo de Ramos á hora do meio dia, no atrio da cathedral de Madrid, quando o bispo se apeava da carruagem e entrava no templo para assistir aos officios divinos, que um padre avançando para elle como se fosse beijar lhe o annel lhe disparou á queima roupa tres tiros de rewolver, ferindo gravemente o bispo que morreu 21 horas depois, isto é, ás 9 horas da manhã da segunda feira.

O assassino é, como dissemos, um padre, cujos precedentes não abonam favoravelmente a sua vida e que parece ter sido levado áquelle crime por um desforço vingativo mal entendido. Chama-se Caetano Galeoto Cotilla, é alto, magro e nervoso. Fôra demittido do serviço de uma ou duas egrejas em virtude do seu mau comportamento, e ultimamente vivia falto de meios. Escrevera ao bispo por varias vezes expondo-lhe a sua situação e pedindo lhe uma collocação, mas não fôra ainda attendido, e isto é que, segundo as suas declarações, o levou a praticar o assassinato.

O bispo de Madrid é o primeiro d'aquella diocese, creada pelo pontifice em meiados do anno passado e inaugurada em 25 de julho do mesmo anno.

Em 2 de agosto seguinte tomou posse da nova diocese o bispo de Salamanca, transferido para Madrid D. Narciso Martinez Izquierdo

Nasceu em Rueda, provincia de Guadalajara, a 29 de outubro de 1831.

Estudou com notavel distincção, no Seminario de S. Bartholomeu de Siguenza e na Universidade Central, onde tomou o grau de doutor em Theologia e Canones e de licenciado em Philosophia e Litteratura.

No mesmo seminario foi depois lente, exercendo mais tarde o logar de reitor do seminario de S. Cicilio.

Em 1871 foi eleito deputado ás côrtes pelo districto de Molina e Aragão, fazendo uma brilhante estreia parlamentar e tomando grande parte nos debates a respeito da *Internacional* Em fins de 1873 foi apresentado pelo governo de Castellar para a diocese de Salamanca, apresentação confirmada por Pio IX no concistorio de 2 de janeiro de 1874, sendo consagrado em 31 de janeiro do anno seguinte.

Nas primeiras eleições do reinado de D. Affonso XII foi eleito senador, e sustentou na camara alta os seus creditos de orador notavel, com os brilhantes discursos que pronunciou a proposito do casamento civil e de alguns artigos da constituição.

Como orador sagrado os seus discursos acham-se impressos e são modelos de oratoria.

A's suas qualidades intellectuaes e sabedoria, reunia os dotes de coração que não destuavam dos dotes do espirito. Era caritativo e modesto como convem a um ministro de Deus, e nada havia que manchasse a sua conducta, pelo que era geralmente estimado e respeitado em toda a Hespanha.

Antes de morrer, e nas poucas horas em que se sentiu mais alliviado dos soffrimentos, declarou que perdoava ao assassino.

Este está entregue ás justiças e o seu processo corre os tramites legaes.

Inauguração do monumento aos restauradores da independencia de Portugal

A INAUGURAÇÃO

O monumento aos restauradores da independencia de Portugal, levantado quasi tres seculos depois d'aquelle facto glorioso, não vem reviver odios completamente extinctos entre duas nações amigas, e cuja orientação politica é hoje bem differente da que era n'outra epocha.

A independencia hoje de Portugal é um facto que não soffre a mais ligeira contestação, e no seio d'essa independencia se avigora dia a dia a olhos vistos, pelo seu trabalho, pelo seu valor, pelos inexhauriveis recursos do seu solo, e pela prudencia com que tem caminhado na estrada do progresso, procurando pôr-se a par das mais adiantadas nações.

Por todas estas razões é claro que o monumento dos Restauradores só tem por fim commemorar um facto glorioso da historia de um povo que sempre amou a sua independencia, e que é ella o sentimento mais affectuoso que abriga em seu coração.

Chegou finalmente o momento da inauguração, e no dia 28 de abril findo, pelas quatro horas e meia da tarde foram descobertas as estatuas por el-rei D. Luiz e sua alteza o principe D. Carlos, ao som do hymno da Restauração, e com a presença de toda a familia real, ministerio, camara municipal, membros dos corpos legislativos, auctoridades civis, militares e ecclesiasticas, e dos membros da Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640.

A este acto fez guarda de honra o regimento de caçadores 5, e uma bateria de artilheria 1, postada em frente do caes da praça do Commercio, deu a salva do estylo.

A noite o monumento foi illuminado, assim como o palacio dos Almadas e o theatro de D. Maria II, onde se realisou uma recita de gala com a representação do drama *Os portuguezes em 1640*, escripto expressamente para este fim, e pelo seu auctor, o meritissimo juiz sr. Miguel Osorio Cabral, offerecido á commissão.

O MONUMENTO

Para levantar o monumento que acaba de ser inaugurado, abriu a Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640 um concurso para o projecto do monumento, mas sem resultado pratico, porque os projectos apresentados não satisfizeram. Encarregou então o professor da academia de bellas artes de Lisboa, sr. Antonio Thomaz da Fonseca, de elaborar o referido projecto, e o distincto professor de tal arte se houve que conseguiu apresentar um projecto que satisfez com pequenas modificações a commissão technica, para esse fim nomeada e composta dos socios os srs Augusto Xavier Palmeirim, João Maria Feijó (1) e Miguel Baptista Maciel.

Approvado o modelo em sessão de 7 de julho de 1877, foi depois, em 4 do mez seguinte, resolvida a sua construcção, assim como o de ser dada por empreitada ao sr. Sergio Augusto de Barros, contratando por escriptura publica a construcção do monumento, na parte respeitante ao trabalho de pedra e erecção, pela quantia de 22:900$000.

Para fazer face a esta despeza e ás mais que o monumento exigia para sua completa conclusão, recorreu a commissão á subscripção publica, em Portugal e no Brazil, sendo a subscripção dos nossos irmãos do Brazil a mais avultada, para o que muito influiu o digno vogal da commissão o ex.mo sr. visconde de Sanches de Baena, especialmente no Rio de Janeiro, e o ex.mo sr. commendador Francisco Lourenço da Fonseca em outras terras do imperio.

O monumento compõe-se de um envasamento de 4,70 metros, de um pedestal com 6,90 metros, altico de 3,20 metros e o obelisco de 14,60 metros, dando um total de altura de proximo de 30 metros.

A gravura que acompanha este artigo dispensa-nos de uma discripção minuciosa das differentes partes de que se compõe o monumento.

O aspecto geral do monumento é harmonico e agradavel. A sua execução é primorosa na parte que respeita ao trabalho de canteiro e de esculptura em pedra, devendo especialisar-se as quatro corôas de louro entrelaçadas com palmas que assentam nos quatro angulos do pedestal e os dois tropheos collocados nas faces do altico que olham para este e oéste.

As estatuas que assentam sobre o pedestal, nas faces norte e sul do monumento, são verdadeiramente grandiosas e honram os esculptores que as produziram, porque são duas esculpturas de primeira ordem, tanto no nosso paiz como em qualquer outro que se apresentassem.

Estas estatuas representam a Independencia e o Genio da Victoria e são obra dos esculptores srs. Alberto Nunes e Simões d'Almeida. A ellas nos havemos de referir em especial no proximo numero do OCCIDENTE, em que publicaremos a reproducção das mesmas por meio de duas explendidas gravuras.

(1) Já fallecido. O OCCIDENTE publicou o seu retrato e biographia a pag. 157 do vol. VII.

A COMMISSÃO

Ha vinte e cinco annos que se constituiu em Lisboa uma commissão patriotica, sob o titulo de *Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640*, e d'ella nasceu a idéa de erigir um monumento aos restauradores de Portugal, em 1640.

Esta idéa, que principiou por excessivamente modesta, pois se limitava a erguer um pequeno obelisco no pequeno largo, em frente do palacio dos condes de Almada, teve depois maior desenvolvimento instigado pelas proprias difficuldades que se levantaram para a realisação da primitiva idéa, difficuldades a que não foi estranho o proprietario do referido palacio, não só embargando as obras de nivelamento a que a camara procedeu no terreno em frente do palacio, mas até não permittindo que n'este fosse collocada pela commissão uma lapide commemorativa.

Resolveu então a commissão procurar outro logar para erguer o monumento, e de accordo com a camara municipal de Lisboa, obteve d'esta, em sessão extraordinaria de 14 de outubro de 1875, a cedencia da parte sul do Passeio Publico do Rocio, no logar onde existia o grande tanque circular, á entrada, para alli lançar os fundamentos do monumento.

Effectivamente no dia 1.º de dezembro de 1875, com a solemnidade propria de tal acto, achando se representado o governo de Sua Magestade, e presentes muitos convidados, inaugurou a Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640, a pedra fundamental do monumento, abençoada pelo arcebispo de Mytilene, D. Antonio José de Freitas Honorato, que assistiu á cerimonia religiosa acompanhado por alguns reverendos parochos e outros ecclesiasticos.

Os membros da commissão que tomaram parte mais activa nos trabalhos da erecção do monumento foram os que compõem a mesa da assembleia geral e os que compozeram a commissão technica e commissão executiva.

Na impossibilidade de publicarmos os retratos de todos os membros da patriotica Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640, porque todos emfim cooperaram para a grande obra do monumento, limitarnos-hemos a dar á estampa os retratos dos membros em quem a mesma commissão delegou os seus poderes, e que por isso tomaram parte mais activa e directa nos trabalhos.

CONSELHEIRO
ANTONIO MARIA FONTES PEREIRA DE MELLO

Presidente da commissão

O illustre estadista portuguez que tem illustrado a politica portugueza e o paiz com o seu grande talento e patriotismo, não carece que aqui lhe escrevamos a biographia, porque nem se póde reduzir aos estreitos limites das columnas do nosso periodico, n'esta occasião, nem seria precisa para tornar conhecida a sua individualidade, que o paiz tem avaliado e apreciado na longa carreira politica do primeiro estadista portuguez do nosso tempo.

Apresentando o seu retrato mais uma vez ao publico, registramos mais um acto patriotico do sr. Conselheiro Fontes Pereira de Mello, ao tomar parte nos trabalhos da nobre commissão, presidindo a elles e coadjuvando a, tanto com o prestigio do seu nome, como com o seu alto valimento.

Tratando-se de uma idéa tão sympathicamente patriotica, não podia effectivamente deixar de lhe prestar todo o appoio e todo o auxilio, quem tanto tem gasto a vida no serviço da patria, nas lides ingratas e atribuladas da politica.

Foi o sr. Conselheiro Fontes Pereira de Mello que por mais de uma vez encorajou a commissão a proseguir os seus trabalhos no meio das difficuldades que se lhe levantavam, e por mais de uma vez conciliou desintelligencias que surgiam no seio da commissão, com o seu fino tacto e sabio conselho.

A Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640 tem-lhe sempre merecido uma especial attenção, mesmo no meio das suas muitas preoccupações da administração publica.

Este facto da sua vida não é o somenos que ennobrece o illustre conselheiro da corôa, que por tantas vezes tem presidido ao governo da nação portugueza.

GENERAL PALMEIRIM

Ex-presidente da Commissão Central 1.º de Dezembro, presidente da commissão executiva e membro da commissão technica

Deve-se ao sr. general Augusto Xavier Palmeirim uma parte importante dos esforços empregados pela *Commissão Central 1.º de Dezembro* para inaugurar o monumento que á posteridade recordará o brioso feito que elevou ao throno a Casa de Bragança.

A pontualidade com que o sr. general Palmeirim se desempenha de todas as commissões officiaes de que é encarregado, bem como á sua illustração, animo conciliador e elevada posição que occupa na sociedade, deveu a *Associação 1.º de Dezembro* encontrar quem a representasse com auctoridade perante os diversos governos, aplanando difficuldades, e removendo attritos, que raro deixam de apparecer nos corpos collectivos.

Completamente desinteressado de quaesquer intuitos interesseiros, ou menos em harmonia com a idéa inicial que inspirou a organisação da *Associação 1.º de Dezembro*, o sr. general Palmeirim presidindo-a, deu-lhe garantias de seriedade e levou os poderes publicos a auxilial-a, sem receio de proteger antagonismos menos proprios de uma Associação patriotica.

Foi este o papel que o sr. general Palmeirim inalteravelmente representou no seio da *Commissão Central 1.º de Dezembro*, equilibrando divergencias de diversas ordens, e conseguindo desobrigar se do encargo que lhe fôra confiado por votação unanime dos vogaes da *Commissão Central*, que assistiram á sessão presidida pelo então presidente do conselho de ministros o sr. Fontes Pereira de Mello.

Dadas estas informações de occasião, resta-nos apresentar alguns dados biographicos do illustre general que ha 61 annos serve o paiz na carreira militar, havendo sido deputado em muitas sessões legislativas, e tomado assento na camara dos pares em 1874.

O sr. general de divisão Augusto Xavier Palmeirim, actual presidente do Supremo Tribunal de Justiça militar, é filho do tenente-general Luiz Ignacio Xavier Palmeirim, que como coronel do regimento n.º 19 tomára parte na batalha do Bussaco, commandando interinamente os regimentos n.ºs 7, 10, e 19 na batalha de Fuentes de Honor, em seguida á brigada composta dos mesmos regimentos no segundo assedio da praça de Badajoz, e mais tarde da brigada dos regimentos n.ºs 9 e 21 na acção de Elbordon.

Por estes, e outros serviços posteriores prestados no serviço das armas, foi agraciado com a grã-cruz de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e com as commendas de Paleão e Casa Velha na ordem de Christo, e da Torre e Espada, e condecorado com as medalhas de tres campanhas da peninsula, e da de dois commandos de corpos na referida guerra.

Seu filho o sr. general de divisão Augusto Xavier Palmeirim, de quem damos o retrato, sentou praça de cadete em 8 de maio de 1815, sendo promovido a alferes em 10 de novembro do mesmo anno, dispensando-se-lhe a menoridade em attenção aos serviços de seu pae. Por alvará de 16 de fevereiro do anno seguinte foi despachado fidalgo cavalleiro da casa real. Em 5 de fevereiro de 1818 foi promovido a tenente, e a capitão em 9 de abril de 1821; sendo-lhe concedidas as honras de exercicio no paço, por alvará de 13 de abril de 1821.

Esta carreira militar tão auspiciosamente encetada, deu logar, graças á guerra civil que dividiu o paiz em dois bandos hostis e irreconciliaveis, a que um escriptor estrangeiro e apaixonado inspirasse um outro auctor nacional, que não duvidou fazer-se echo das anteriores calumnias, a que respondeu triumphantemente o sr. general Palmeirim em um opusculo impresso em 1869, e em que, defendendo se, se denuncia ao mesmo tempo um escriptor vernaculo e elegante, deixando sentir que taes qualidades, tão raras na sua classe, não hajam sido aproveitadas em illucidar alguns pontos obscuros ou contravertidos da nossa historia militar.

Nada poderam contra a verdade dos factos as exaltações facciosas dos politicos, sendo o ainda então capitão Augusto Xavier Palmeirim promovido a major em 24 de julho de 1834, a tenente coronel em 19 de abril de 1837, e a coronel effectivo em 29 de abril de 1851.

Foi no anterior posto de tenente coronel, que o depois ministro da guerra José Jorge Loureiro, então commandante do exercito de observação contra a Hespanha, o escolheu para chefe de seu estado maior, dando assim solemne desmentido a infundadas arguições, incumbindo-o, tal era a confiança na sua aptidão, de apresentar um regulamento para o serviço do exercito em campanha.

Promovido a brigadeiro graduado em 1851, foi declarado effectivo n'este posto em 13 de março de 1860, e depois de varias oscillações hierarchicas, occasionados por diversas reformas do exercito que substituiu a designação de brigadeiro pela de major general, e depois pela de marechal de campo, foi finalmente promovido a general de divisão em 10 de maio de 1870, chegando assim ao mais graduado posto do exercito, o mesmo a que, com a qualificação de tenente general ascendera seu pae.

Preparado com solidos estudos preparatorios, e seguro conhecimento das linguas vivas, matriculou-se o nosso biographado na antiga Academia de marinha em 1822, interrompendo os seus estudos que só veio a completar em 1841, obtendo carta do curso de estado maior.

É de 1847 que datam as innumeras commissões de que o sr. Augusto Xavier Palmeirim tem sido vogal ou presidente, entre ellas da commissão encarregada de propôr um regulamento para o serviço interior dos corpos, além das que foram encarregadas da reorganisação do collegio militar, e da organisação do monte-pio militar.

Nomeado para fazer parte da commissão incumbida de conhecer o estado do arsenal do exercito, e de propôr a sua reforma, as pesquizas de que individualmente o encarregaram, e que avultam nos dois grossos volumes de tão laborioso inquerito, dão testemunho do seu zelo, e da sua aptidão administrativa.

Nomeado director do collegio militar, esta commissão inculcou-o naturalmente para outras de não menor alcance, taes como as que foram encarregados de estudar a conveniencia de reunir as escolas polytechnica, do exercito e veterenaria; e de organisar um regulamento tendente á estipulação dos deveres, direitos e penalidades do magisterio, com referencia ao decreto de 11 de janeiro de 1837.

A estas commissões seguiram-se ainda outras, destacando se pela sua importancia, e sendo seu presidente, da que foi mandada estudar o maior desenvolvimento da fabricação de polvora e seu commercio.

Mas, se entre serviços publicos pode haver distincções affigura-se nos que as mais nobilitadas commissões de que fez parte o sr. general Augusto Xavier Palmeirim foram, primeiro a que teve por fim organisar o projecto de codigo penal, e avantajando se-lhe ainda a que foi mandada proceder ao estudo da defeza do paiz e da capital.

Para completar esta larga relação de serviços publicos, diremos para terminar, que o sr. general Palmeirim foi ainda vogal da commissão que teve por fim reorganisar o exercito e a secretaria da guerra, e de propôr uma lei de promoções; membro do conselho geral de instrucção militar desde 1864, membro da commissão portugueza de soccorros aos feridos e doentes militares em tempo de guerra, encarregado de propôr um projecto de reforma do collegio militar, e nomeado representante de Portugal na conferencia de Bruxellas, em 1874.

Se estas são as commissões de serviço militar de que tem sido encarregado o sr. general Augusto Xavier Palmeirim, outras ha ainda de que foi incumbido, como deputado ás côrtes.

Como deputado em differentes legislaturas, fez permanentemente parte das commissões de guerra e de fazenda, sendo como vogal da primeira relator do codigo penal militar; e como pertencente á segunda, sido nomeado membro da commissão que teve por fim inquerir ácerca do cumprimento das leis constituitivas do banco de Portugal.

Além d'estas, muitas outras foram ainda as commissões de que fez parte o sr. general Palmeirim, especialisando se a que reformou o serviço geral dos correios e postas do reino.

Por estes serviços, sempre gratuitamente prestados, foi o sr. general Palmeirim condecorado com a grã-cruz de Izabel a Catholica em 1867, grã-cruz da Ordem da Corôa de Italia em 1871, grã-cruz de Aviz em 1876, par do reino em 1874, commendador de Paleão e Casa Velha na ordem de Christo, commendador da Torre e Espada, grão commendador do Salvador na Grecia, commendador da Legião de Honra, medalha de oiro de bons serviços e comportamento exemplar, medalha municipal da febre amarella, e por ultimo da Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640.

O espaço de que dispomos não nos permitte desenvolver este eloquente esboço dos serviços militares e civis prestados ao paiz pelo sr. general Augusto Xavier Palmeirim.

GENERAL MIGUEL BAPTISTA MACIEL

Vice-presidente da commissão e membro da commissão technica

Como já dissemos o sr. General Maciel, vice-presidente da comissão, desempenhou tambem o cargo de membro da commissão technica, e foi n'esta importantante commissão que o sr. Maciel mais serviços prestou á Commissão Central.

A actividade e zelo com que dirigiu os trabalhos da erecção do monumento não podiam ser excedidos porque o sr. Maciel foi incansavel.

Monumento aos Restauradores da Independencia de Portugal, na Praça dos Restauradores, em Lisboa, inaugurado no dia 28 de abril de 1886 (Desenho do natural por J. Christino)

Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640

Conselheiro
Antonio Maria Fontes Pereira de Mello
Presidente

Visconde de Sanches de Baena
1.º secretario

Lino José Daniel de Carvalho
2.º secretario

General Augusto Xavier Palmeirim
Presidente da commissão executiva e membro da commissão technica

Commendador Francisco Lourenço da Fonseca
Thesoureiro e vogal da commissão executiva

General Antonio de Mello Breyner
Vogal da commissão executiva

General Miguel Baptista Maciel
Vice-presidente e membro da commissão technica

As provas de capacidade tantas vezes reveladas nas suas commissões officiaes que lhe valeram portarias de louvor, como ao diante se lerá, não foram desmentidas na commissão officiosa que acceitou e da qual se desempenhou dignamente.

Era sem duvida esta uma das commissões mais difficeis e melindrosas que compunha os trabalhos da commissão central e a qual demandava de conhecimentos especiaes. O sr. Maciel prestou com a sua cooperação um valioso serviço á causa commum da Commissão Central, a ereção do monumento.

A illustrar-lhe a sua vida militar, apontaremos sucintamente algumas notas biographicas que podémos obter:

O general de brigado Miguel Baptista Maciel, nasceu em Lisboa, a 8 de maio de 1822.

Alistou-se como voluntario no batalhão d'infanteria n.º 10 em 23 de dezembro de 1840. Foi promovido a anspeçada em 1 de janeiro de 1841; declarado aspirante a official pela Ordem do exercito n.º 19 de 11 de abril; promovido a furriel graduado em 1 de agosto, e a 2.º sargento graduado em 1 de setembro; 1.º sargento graduado em 2 de janeiro de 1843. Promovido a alferes para o regimento d'infanteria n.º 11, por decreto de 6 de março de 1845; tenente para o corpo d'engenheiros em 15 de fevereiro de 1848; graduado capitão em 24 de novembro de 1853, passou á effectividade em 15 de janeiro de 1861; major, em 16 de janeiro de 1867; tenente coronel, em 4 de junho de 1873; coronel, em 5 de janeiro de 1876. Foi nomeado governador da Praça de Monsanto em junho de 1883, e promovido ao actual posto em 25 de fevereiro de 1885.

Tem o curso preparatorio da Escola Polytechnica e a 8.ª cadeira da mesma escola; o curso d'infanteria da Escola do Exercito, e o curso de engenheria militar da mesma escola.

Exerceu as seguintes commissões: sendo alferes d'infanteria n.º 11 foi mandado apresentar á direcção da Companhia dos Canaes da Azambuja, na qual serviu na qualidade de engenheiro; foi nomeado addido ao Quartel General da 2.ª divisão militar; adjunto ao Quartel Mestre General da Divisão d'Operações do Norte; nomeado para fazer parte da brigada d'engenheria do corpo d'exercito regenerador; membro d'uma commissão incumbida de interpor parecer ácerca de varios quesitos relativos a reclamações feitas pela direcção da Companhia Viação Portuense sobre preços das obras da estrada do Porto a Braga. Foi nomeado membro d'uma commissão para proceder á liquidação das reclamações dos empreiteiros das estradas do Porto a Amarante e Villa Nova de Famalicão a Vianna; nomeado para exercer interinamente as funcções de chefe da 2.ª secção da Direcção Geral d'Engenheria; mandado substituir o coronel Judice na commissão que tinha por fim estudar e propor as alterações que convirá fazer nos actuaes modelos dos orçamentos d'obras militares e nos processos de calculo; nomeado presidente da commissão para examinar as modificações propostas no projecto da construcção do quartel da Atalaya pequena em Tavira; vogal do jury d'exame dos alumnos do curso d'engenheria militar; presidente da commissão encarregada de inspeccionar os edificios arruinados em Evora. Inspector d'engenheria na 3.ª divisão militar. Nomeado presidente da commissão encarregada da tombação de todos os edificios e terrenos pertencentes ao Ministerio da Guerra. Addido á commissão consultiva de defeza do reino; e nomeado director da Secretaria da Direcção Geral d'Engenheria.

Foi louvado pela honra, zelo e intelligencia com que se houve no serviço que desempenhou na companhia dos canaes da Azambuja; em portaria se declarou o zelo e intelligencia com que se houve nos trabalhos da companhia Viação Portuense; n'outra portaria se louva o zelo, a intelligencia e os conhecimentos praticos que revelou na liquidação das reclamações dos empreiteiros das estradas do Porto a Amarante e Villa Nova de Famalicão a Vianna. Foram dignos do maior elogio as obras feitas sob a direcção e inspecção d'este official no campo de instrucção e manobras; recebeu por isso, em officio, agradecimentos do inspector do dito campo, que manifestou depois o seu desgosto por ter sido este official retirado d'aquella commissão. O general commandante da 5.ª divisão militar declarou que este official se houve sempre com o maior zelo, intelligencia e boa vontade no desempenho dos varios serviços de que foi incumbido; assim como lhe agradeceu a coadjuvação que lhe prestou por occasião d'um incendio proximo á alfandega da cidade de Angra do Heroismo.

Tem a medalha de prata dos bons serviços e comportamento exemplar e é commendador da ordem militar de S. Bento d'Aviz, em attenção aos serviços prestados na sua longa carreira militar.

VISCONDE DE SANCHES DE BAENA

1.º secretario da Commissão

O sr. D. Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha nasceu em 26 de setembro de 1822, na freguezia de Vairão, perto de Villa do Conde.

Descendente de uma nobre e antiquissima familia do seu appellido, cursou as aulas de instrucção primaria e secundaria na Academia da Graça, da cidade do Porto.

Sua tia, D. Maria Isabel de Baena Portugal, illustre poetisa, foi casada em primeiras nupcias com o grande poeta Antonio Feliciano de Castilho, 1.º visconde de Castilho.

Obrigado a suspender por algum tempo os seus estudos, depois da entrada do sr. D. Pedro IV na cidade do Porto, emigrou com seus paes, que partilhavam ideas oppostas ás d'aquelle principe.

Não tendo vocação para a vida ecclesiastica, para a qual seus paes o haviam destinado, partiu para o Brazil, onde por algum tempo se dedicou ao commercio; mas, não se sentindo com disposições para esta carreira, estudou sciencias naturaes, habilitando-se em pharmacia, e mais tarde em medicina, ramos estes em que muito se distinguiu no Rio de Janeiro.

Em 1859 estabeleceu n'aquella cidade um laboratorio chimico-pharmaceutico, que ainda hoje é conhecido como o melhor de toda a America (1).

Teve o titulo de pharmaceutico da casa de S. M. o Imperador, e matriculou-se no tribunal do commercio como negociante.

Na grande exposição nacional do Brazil em 1861 foram os productos do seu estabelecimento premiados com medalhas e menções honrosas.

Quando em 1850 o Rio de Janeiro foi accommettido pela 2.ª vez pelo cholera morbus, foi elle um dos que mais se distinguiu por actos de beneficencia e philantropia, já levando auxilios ás habitações dos doentes, já offertando aos consules de diversas nações os medicamentos precisos para o tratamento dos seus compatriotas menos favorecidos de fortuna (2), e em geral a todos os necessitados, como se vê nos periodicos d'aquella epocha, e, sobre todos, no de maior circulação, *Jornal do Commercio* n.º 112, e numeros subsequentes do mesmo jornal.

Quando a Sociedade Portugueza de Beneficencia do Rio de Janeiro luctava com difficuldades na sustentação do seu hospital, offereceu-lhe o cavalheiro de que nos occupamos o fornecimento gratuito por seis mezes de todas as drogas e medicamentos de que houvesse mister, e mais uma alcatifa, que importou em 800$000 réis, para a capella do mesmo hospital. Hoje, como é sabido pelos relatorios da dita sociedade, aquella verba de medicamentos e drogas monta annualmente a 15 contos de réis! Alem d'isso foram, por proposta sua, admittidos mais de 1:000 socios.

Auxiliou durante seis annos a Provedoria dos Soccorros Publicos, montando a importancia d'esse auxilio em cerca de 200$000 réis annuaes.

Offertou por espaço de um anno todas as drogas e medicamentos de que houvesse mister o *Imperial instituto dos meninos cegos*, para os quaes se votava no orçamento do governo annualmente 1 conto de réis.

Egual donativo, e do mesmo valor, fez á *Imperial sociedade amante da instrucção*, encarregada de asylar e instruir as meninas pobres.

Promoveu uma subscripção entre a classe pharmaceutica, por causa da questão ingleza com o imperio, que subia a 2:039$999 réis (*Diario official* e *Diario do Rio* de 14 e 26 de junho de 1863).

Concorreu para a fundação da Caixa de Soccorros de D. Pedro V, para a qual não só agenciou grande numero de socios, como fez um importantissimo donativo em medicamentos, appositos e drogas, que foi avaliado em quantia superior a 3:500$000 réis, alem de 500$000 réis agenciados em dinheiro.

(1) Gazetilha do *Jornal do Commercio* de 20 de agosto de 1859. *L'Echo du Brésil* 6 Octobre 1859.

(2) Todos os consules agradeceram mais ou menos pela forma porque o fez o da França nos termos seguintes:

«*Ill.*mo *Sr.* — Recebi a carta que V. S.ª teve a bondade de me escrever, communicando-me que punha gratuitamente os medicamentos necessarios ao tratamento de francezes enfermos e pobres tanto á minha disposição como á disposição da Sociedade de Beneficencia Franceza do Rio de Janeiro.

«Queira V. S.ª acceitar as expressões de reconhecimento devidas a similhante e tão valiosa offerta; e acceital-as, repito, não só com benignidade como tambem com indulgencia para mim por não ter eu agradecido ha mais tempo, como era do meu dever.

«Ill.mo Sr. Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1859. — O consul geral da França, *C. Tannay*.»

Auxiliou o governo em soccorrer as viuvas e orphãos dos que falleceram na tomada de Paysandu, e offereceu mais ao governo uma ambulancia de medicamentos para o primeiro corpo de voluntarios da patria que se organisou para seguir para a guerra do Paraguay, como consta do *Diario official* de 15 de fevereiro de 1865, officio do ministro da guerra, e certidão do escrivão do hospital militar. A 1.ª d'estas offertas importara em 1867 em 500$000 réis, e a 2.ª custou lhe 1:500$000 réis.

Entrou nos cofres publicos do imperio com o donativo de 1:167$956 réis em dinheiro para as urgencias do Estado n'aquella epocha.

Poz á disposição do governo imperial os medicamentos que fossem necessarios para o tratamento dos indigentes accommettidos do cholera morbus, como se vê pelo officio do ministro do imperio, sendo por este modo soccorridos 2:535 indigentes, que dispenderam, termo medio, mil réis cada um.

Quando em 1865 foi eleito provedor da irmandade de Nossa Senhora da Copa-Cabana, foi um dos que promoveu e fundou no logar do mesmo nome uma escola gratuita de ensino primario, como consta das actas da mesma irmandade.

Concorreu para a fundação de associações uteis ao Brazil, e a todas auxiliou com a sua pessoa e bens, sendo socio fundador do *Imperial instituto de agricultura*, da *Imperial sociedade auxiliadora da industria nacional*, da qual em 1862 foi eleito conselheiro da directoria, e em 1863 membro da secção geologica applicada á chimica industrial. Em 1869 foi eleito conselheiro da meza da *Sociedade auxiliadora das artes mechanicas, liberaes e beneficentes*, do *Asylo dos invalidos da patria*, da *Sociedade união e beneficencia*, da *Sociedade beneficencia perfeita amisade*, da *Socied. de propagadora das bellas-artes*, vice-presidente da *Real sociedade portugueza amante da monarchia e beneficente*, da antiga *Sociedade madrepora*, fundador e conselheiro da *Sociedade 1.º de dezembro de 1640* no Rio de Janeiro, e depois membro effectivo da de Lisboa, da *Associação industrial portuense*, e de outras mais, assim como irmão terceiro das ordens religiosas que no Brazil teem por especial intuito soccorrer os pobres, e membro de outras muitas irmandades que alli praticam a beneficencia.

Quando em 1867, depois de tão longa ausencia, voltou á patria, deixou livres oito escravos do seu serviço domestico. Este acto humanitario consta dos registros das cartas de alforria insertas nos livros das notas dos tabelliães do Rio de Janeiro, e tambem pelas ditas cartas se poderá calcular que um tal sacrificio feito por amor da instrucção e da humanidade depreciou os seus haveres no minimo de 10 contos de réis, moeda d'aquelle paiz.

Trouxe para Portugal uma riquissima collecção de objectos artisticos, entre os quaes sobresahia um punhal, obra de Benevenuto Cellini, do qual fez presente a el-rei o sr. D. Luiz, e existe hoje no seu gabinete particular de raridades.

Presenteou a bibliotheca publica de Lisboa com uma importantissima collecção de 800 exemplares de relatorios apresentados pelos differentes ministerios ás camaras legislativas do imperio do Brazil, desde a sua independencia até 1866 inclusivè, collecção já então difficil de obter n'aquelle paiz, e hoje quasi impossivel.

Da sua caridade e devoção religiosa assignalaremos aqui varios actos que muito o ennobrecem, depois da sua chegada a Portugal.

Inscreveu-se protector do *Asylo dos orphãos da freguezia de Santa Catharina*, em Lisboa, benemerito da *Associação de soccorros na inhabilidade*, presidente da *Commissão promotora das escolas de ensino primario*, presidente da *Associação de instrucção popular*, membro do *Conselho administrativo da sociedade promotora das bellas-artes*, fundador da *Sociedade de beneficencia brazileira em Lisboa*, membro de varias associações religiosas em differentes freguezias de Lisboa, e em todas as da sua residencia, onde tem exercido o cargo de juiz d'ellas, promovendo a decencia do culto, mandando a expensas suas restaurar a egreja de Bemfica, que se achava damnificada. Actualmente acha se á testa de algumas instituições uteis, como por exemplo a da *Real associação central de agricultura portugueza*.

Colleccionou documentos que serviram para o sr. Innocencio F. da Silva escrever, em 1868, no *Archivo Pittoresco*, os apontamentos biographicos do desembargador do paço o dr. João Sanches de Baena, provando n'elles que este cidadão benemerito, de que no OCCIDENTE publicámos uns apontamentos biographicos, foi um dos primeiros e o mais prestante cooperador da restauração de Portugal em 1640, pelo que em 1869, sendo ministro do reino o sr. bispo de Vizeu, foi o nosso bio-

graphado agraciado com o titulo de visconde em duas vidas, devendo notar-se que o agraciado não sollicitou por modo algum similhante graça.

O sr. Baena publicou annualmente no Rio de Janeiro o *Manual de saude ou guia medico*, em fórma de alman ch, para uso das familias residentes no interior d'aquelle paiz: em Lisboa o *Diccionario aristocratico*, de que fala o sr. Innocencio F. da Silva no 8.º anno do 1.º supplemento ao seu *Diccionario bibliographico portuguez*; o *Memorial therapeutico*; o *Relatorio apresentado á Commissão central 1.º de dezembro de 1640*; o *Catalogo descriptivo das moedas e medal as portuguezas*, que faziam parte do seu medalheiro, e finalmente o *Archivo heraldico genealogico*, em 2 grossos volumes.

Todas estas publicações foram muito bem apreciadas e acolhidas pelo publico em geral, e por diversas corporações scientificas em particular.

Pelo *Manual de saude* e *Memorial therapeutico* foi galardoado pela universidade de Philadelphia com o titulo de doutor honorario em medicina, como no mesmo diploma se declara; e pelas suas ultimas obras foi muito elogiado por toda a nossa imprensa e pelos homens mais competentes nos diversos assumptos de que se tem occupado.

Tendo em 1871 de fazer uma digressão ao Rio de Janeiro, levou uma importante offerta de obras litterarias de muito valor para o Gabinete portuguez de leitura d'aquella cidade.

Inscreveu-se na qualidade de membro da *Sociedade asylo da velhice desvalida*, e foi pelos seus serviços o 3.º eleito socio benemerito da *Associação municipal protectora da instrucção da infancia desvalida*, como se lê no *Diario do Rio de Janeiro* de 24 de julho de 1862.

Obteve n'aquella capital levantar entre os seus amigos uma subscripção, que subiu, com os juros accumulados, a cerca de 20 contos de réis fortes, para se erigir o monumento aos restauradores de 1640, e para o qual subscreveu elle proprio com 3 contos de réis, como consta pelas publicações jornalisticas (1).

Finalmente, jámais houve empreza alguma iniciada no Brazil para fins uteis a Portugal ou ao Brazil, em que não apparecesse de um modo digno e generoso o sr. Baena, a par de outros muitos benemeritos nossos compatriotas alli residentes.

No seu segundo regresso á patria, em 1873, presenteou o sr. Baena a Bibliotheca Nacional de Lisboa com a continuação dos relatorios de que já falámos, para o complemento da collecção até áquella data, e tem continuado a prestar os serviços os mais relevantes ao Brazil e ao seu paiz, fazendo parte ultimamente de uma commissão de soccorros para as victimas do temporal e inundações que houve ha poucos annos n'este paiz, e bem assim tomando parte nos trabalhos da direcção da exposição agricola que houve na tapada da Ajuda em 1884.

Socio fundador e director dos Albergues Nocturnos de Lisboa, membro da commissão administrativa do fundo africano e da secção de geographia agricola, junto da Real Sociedade de Geographia de Lisboa.

Na sua ultima visita ao Rio de Janeiro, em 1878, conseguiu obter para a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, uma copiosa collecção de moedas, medalhas e mappas de muito valor intrinseco e maior estimativo, assim como obteve tambem o presente de alguns livros para a Real Sociedade de Geographia de Lisboa.

Obteve dos seus amigos no Brazil duas esmolas para os asylos da Mendicidade de Lisboa e Porto, na importancia de 859$330 réis, moeda forte.

Em 1880 foi eleito vice presidente da Real Associação Central de Agricultura Portugueza. Esta corporação achava se então no estado mais critico que se podia dar, faltando lhe até recursos para satisfazer a despeza de gaz com a sua parca illuminação, e tendo de mais a mais outros credores na importancia de 6:000$000 réis. O nosso biographado incitou os seus companheiros da direcção a entrar n'uma liquidação amigavel, conseguindo pagar com 20 por cento a todos os credores, e obter d'elles o recibo de saldo de contas.

Deixamos de enumerar outros muitos serviços, porque não dispomos de todo o espaço que nos seria preciso para o fazer com toda a amplitude.

O sr. visconde de Sanches de Baena é commendador das ordens de Santo Sepulchro e de S. Gregorio Magno, e tem o grau de cavalleiro da ordem de Malta.

Meyrelles de Tavora.

(1) Vidè *Fastos historicos da commissão central 1.º de dezembro de 1640*, ou o *Monumento aos restauradores*, pelo visconde de Sanches de Baena.

LINO JOSÉ DANIEL DE CARVALHO

2.º secretario da commissão

O sr. Lino de Carvalho, segundo secretario da Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640, tomou parte muito activa nos trabalhos da mesma commissão e é, sem duvida, um dos seus membros mais prestantes.

Precorrendo as actas da commissão ellas nos dão a prova do que deixamos dito, não permittindo a excessiva modestia do digno secretario que podessemos obter mais dados que nos habilitem a desenvolver aqui os muitos serviços que prestou no seio da commissão.

A mesma difficuldade encontrámos em alcançar notas biographicas, e apenas podemos obter as que se encontram na sua vida official que em seguida resumimos:

Lino José Daniel de Carvalho, inspector da veterinaria, adjunto ao ministerio da guerra, nasceu em Murça, districto de Villa Real, em 1824, e é filho de José Daniel de Carvalho.

Assentou praça na escola veterinaria com 18 annos de edade, em 4 de outubro de 1842. Da cathegoria de 1.º sargento alumno da mencionada escola veterinaria, passou á classe de facultativo veterinario, sendo promovido a alferes em março de 1847, a tenente em junho de 1856, a capitão em novembro de 1861 e a veterinario inspector, com a graduação de major, em novembro de 1884.

Exerceu as funcções de adjunto á repartição de saude do ministerio da guerra, para que foi nomeado pela ordem do exercito n.º 33 de 1864; de sub-chefe da 6.ª repartição da 1.ª direcção do ministerio da guerra em 1868; de sub-chefe da 6.ª repartição da direcção geral do ministerio da guerra em 1869.

Possue o curso de veterinario e é condecorado com a medalha militar de prata, correspondente ao comportamento exemplar.

COMMENDADOR
FRANCISCO LOURENÇO DA FONSECA

Thesoureiro da commissão e vogal da commissão executiva

Pronunciar ou escrever o nome do benemerito cidadão, cujo nome se lê no titulo d'estes singelos apontamentos que accompanham o seu retrato insinuante e sympathico, equivale a fazer menção honrosa de todos os seus actos de benemerencia, de todas as suas virtudes publicas e particulares, que tão conhecidos são no Brazil e em Portugal, e lhe crearam um nome cercado das maiores homenagens de consideração e respeito.

Tendo residido no Brazil, durante perto de trinta annos, e ahi angariado avultados bens de fortuna com o seu honrado trabalho, e com a sua inconcussa probidade, são conhecidos os seus serviços prestados á colonia portugueza no Rio Grande do Sul, e entre esses a fundação do seu Hospital e Capella.

Vindo para Portugal, e sendo logo conhecido o seu genio emprehendedor, a sua força de vontade, a rectidão do seu caracter, o seu proceder nobre e exemplar como chefe de familia, é chamado para a direcção do Asylo dos orphãos desvalidos da Freguezia de Santa Catharina, d'esta cidade, onde ha 23 annos presta os seus caridosos serviços a contento da pobreza desvalida.

Trabalha com enthusiasmo como membro da commissão que promoveu a construcção do monumento a Luiz de Camões.

Exerce o cargo de thesoureiro, durante mais de 10 annos, da Real Associação Promotora das Bellas-Artes em Portugal, e tão bons serviços alli prestou que El-Rei, como presidente d'ella, lhe deu a Commenda de Christo.

É chamado á vereação da Camara Municipal de Lisboa, e o seu genio activo e reformador leva os melhoramentos aos passeios da Estrella e de S. Pedro d'Alcantara, arborisamento dos largos e praças, embellezamentos dos chafarizes, etc.

É tambem da sua rasgada iniciativa a seguinte proposta para a abertura da *Avenida da Liberdade*, que encontramos a pag. 114 do *Archivo Municipal* que publicou a sessão de 24 de janeiro de 1876.

Diz assim:

«Senhores — Proponho que a Camara Municipal de Lisboa sollicite com urgencia do governo uma lei de expropriação, por zonas, afim de lhe conceder o terreno preciso para o rompimento de uma avenida que parta em toda a largura do passeio do Rocio, e pelo valle que medeia entre as ruas do Salitre e de S. José, com direcção a S. Sebastião da Pedreira; alongando-se e alargando-se convenientemente para se formarem novas praças e ruas, de sorte que se deem a esta Camara terrenos espaçosos para novas edificações e embellezamentos em tudo dignos d'esta cidade, a mais bem situada da Europa, e a mais favorecida da providencia pela amenidade do seu clima. — 24 de Janeiro de 1876 — *Francisco Lourenço da Fonseca.*»

Depois d'algumas explicações dos srs. Presidente, Guerra Santos, Estrella Braga, e Vianna, a Camara approvou a proposta, devendo previamente proceder-se aos precisos estudos, para cujo fim será enviada á Commissão de Obras».

É nomeado presidente da Junta do recenseamento militar e maritimo.

Propõe e inicia o monumento aos Restauradoras da Independencia Nacional de 1640, e promove com o sr. Visconde de Sanches de Baena uma valiosa subscripção no Brazil para o levar a effeito.

Consta das actas da *Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640*, datadas de 19 de Setembro, 17 de Outubro e 12 de Dezembro de 1871.

Diz assim esta ultima acta:

«O sr. Fonseca, manifestou que teve muito gosto por ver mencionado o seu nome n'uma acta, como o iniciador da idéa do monumento consagrado aos restauradores de 1640, embora elle tenha de ser agora elevado a maiores proporções do que as que mostra o seu desenho, por haver o pensamento de abrir uma subscripção no Brazil para similhante fim. Que esta obra talvez não possa ser realisada pela pequenez do terreno, e por isso propunha que no entanto, se collocasse uma lapide na parte do mesmo palacio que se julgar para isso mais adequada».

Se accrescentarmos que ha 17 annos este benemerito cidadão exerce o cargo de Thesoureiro da *Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640* — vendo todos os annos approvada a sua honradissima gerencia pela respectiva commissão de contas, — e se dissermos ainda que ao seu rarissimo e nunca desmentido zelo e á cooperação do não menos honrado 1.º Secretario da Commissão, o Sr. Visconde de Sanches de Baena se deve o terem tido rigorosa applicação os fundos obtidos por subscripção por estes dois cavalheiros no Imperio do Brazil, por isso que apenas recebidos, comprou com elles inscripções com o seguinte averbamento: — *Pertence esta inscripção á Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640 para applicar bem como o seu rendimento á construcção de um monumento que tem de ser erigido n'esta cidade á memoria dos Restauradores de 1640*, devemos necessariamente concluir que a este respeitavel cavalheiro e ao sr. Visconde de Sanches de Baena se deve o monumento aos restauradores que se acha hoje levantado na praça d'este nome.

Com este expediente por S. Ex.ª adoptado foram-se custeando as despezas da construcção do monumento, com a venda das inscripções precisas, e ainda se obtiveram de juros d'ellas, Réis 2:462$665.

Quanto valle a boa inlelligencia, a honradez, e a consciencia pura de um cidadão que timbrava com que os capitaes que se haviam obtido, a seu pedido e do seu collega visconde de Sanches de Baena, fossem escrupulosamente geridos e applicados como era o intuito dos benemeritos subscriptores!

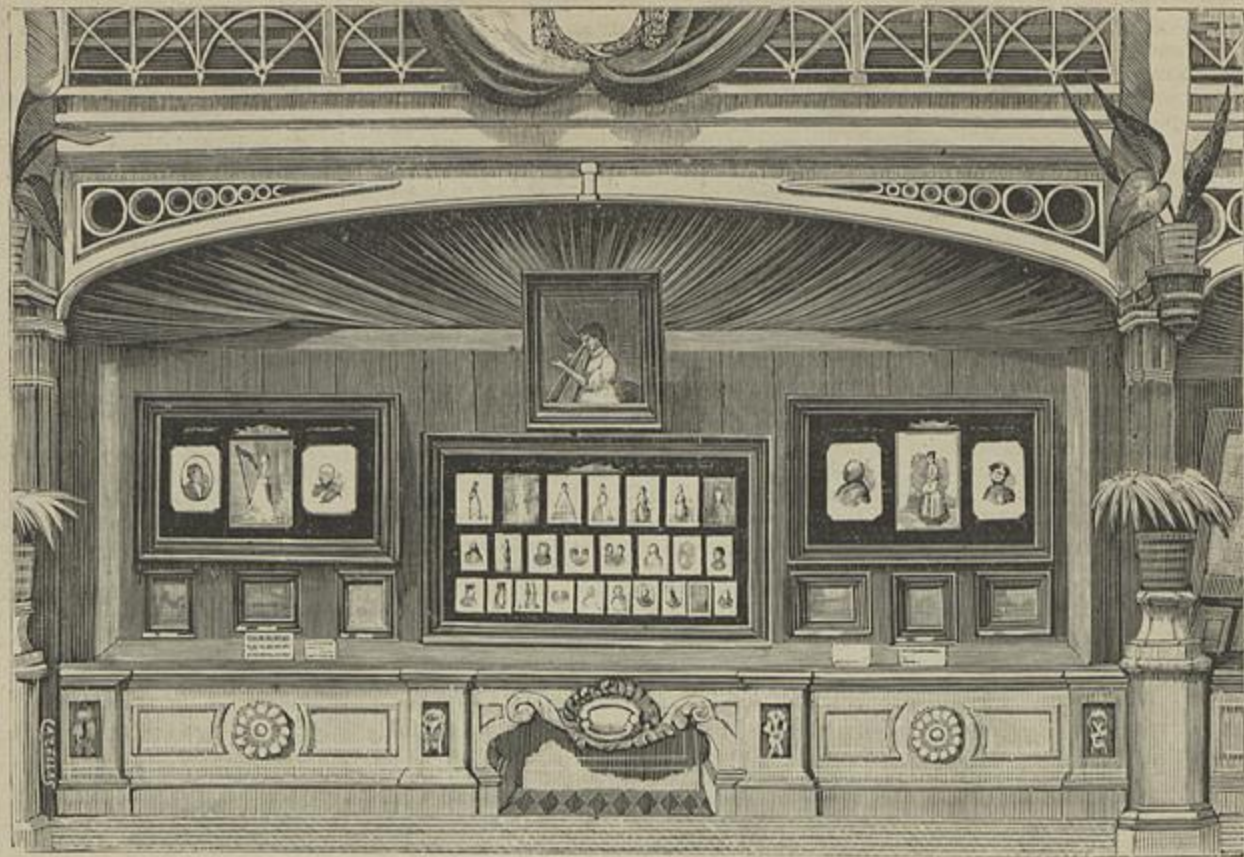
Concluimos este singelissimo trabalho por confessar que não é dado a muitos ter tido a fortuna de vêr bem remunerados os seus esforços, a sua iniciativa, a sua boa vontade, em emprehendimentos d'utilidade e honra para a patria, e de vêr coroados dos mais auspiciosos resultados todos os seus tentamens, dedicação e patriotismo.

A *Avenida da Liberdade* está feita ou quasi feita!

Está levantado o monumento ao grande poeta portuguez!

E ahi está erguido, magestoso e bello, o monumento levantado á memoria dos restauradores da independencia nacional, affirmando eloquentemente que Portugal quer conservar e manter a sua independencia nacional, a sua autonomia, e que recorda com saudade a memoria d'aquelles que concorreram para sacudir o odioso jugo estrangeiro que pesou sobre nós durante sessenta annos Este benemerito cidadão fazia parte ha mezes, da commissão executiva do monumento, de que era presidente o illustre general Luiz Augusto Palmeirim, e vogal o não menos distincto general Antonio de Mello Breyner, de cujo encargo se desempenhou com o seu conhecido zelo e patriotismo.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1885.

Meyrelles de Tavora.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PHOTOGRAPHIA NO PORTO

INSTALLAÇÃO DE DEBAS, DE MADRID, PREMIADO COM A MEDALHA DE OURO (Segundo uma photographia)

Vid. artigo "Exposição internacional de photographia no Porto"

GENERAL ANTONIO DE MELLO BREYNER

Vogal da commissão executiva

Os estreitos limites que nos estão marcados para dizer do distincto militar o que é e o que vale, como cidadão e como funccionario, não nos permittem largueza alguma nem nos esclarecimentos biographicos nem nas considerações de que era nosso intento acompanhal-as, para que idéa completa, juizo pleno se podesse fazer do cavalheiro, ácerca do qual nos proposémos escrever.

Teremos, portanto, de nos retringir, e muito, e de calar o muito que teriamos de dizer, tudo em abono do general Mello Breyner.

Nasceu elle em 17 de fevereiro de 1813, sendo seu pae o sr. Pedro de Mello Breyner (da casa de Ficalho) e sua mãe a sr.ª D. Anna Rufina de Mello Sousa Tavares e Moura, segunda senhora de Mello (tronco dos Mellos).

Assentou praça aos 12 annos em 25 de agosto de 1825 — e seguiu successivamente os postos até general de divisão em 9 de novembro de 1884 — que actualmente occupa.

Foi deputado ás côrtes desde 1852 a 1857 em que foram dissolvidas — e desde 1861 a 1864 — e á sua iniciativa se devem as leis que estabeleceram gratificação aos officiaes de artilheria — remonta dos officiaes de infanteria — accesso aos capellães militares — organisação das musicas militares; — collaborando nas commissões das Camaras de que fez parte, com o seu esclarecido criterio, e conhecida competencia.

Pertenceu á Commissão de inquerito do ministerio da marinha, sendo um dos quatro que assignaram o relatorio que consta de dois volumes in folio, que se acha impresso.

Como escriptor — ha de S. Ex.ª a *Bibliotheca militar*, serviço em campanha para instrucção dos officiaes inferiores — de que houveram duas edições, uma em 1853 e a outra em 1875. Relatorio do campo de instrucção e manobra, no anno de 1866, — e que é o unico documento official em que se descreve a historia do campo (charneca de Tancos) as obras feitas, construcções levantadas e os exercicios executados. Por este trabalho recebeu S. Ex.ª do commandante do corpo do Estado Maior, barão de Wiederohold um officio em 7 de junho de 1867, no qual conclue «tenho grande satisfação não só em agradecer o pontual cumprimento d'aquella determinação (a do regulamento) como tambem em declarar a V. Ex.ª que considero digno de todo o louvor o merecimento d'aquelle seu bem elaborado, minucioso e instructivo trabalho.»

S. Ex.ª escreveu tambem um opusculo sobre a conveniencia de praças de guerra que offereceu á Academia Real das Sciencias, que lhe fez a honra de encorporar nas suas obras — e collaborou nos jornaes militares — *Revista militar, Galeria Militar, Exercito Portuguez, Revista Scientifica Militar.*

Agora os seus feitos militares:

Entrou S. Ex.ª na acção de 29 de setembro de 1832 sobre o Porto, em que foi ferido, sortida de Monte de Castro em 24 de janeiro de 1833;

Acção do dia 5 e 25, ataques ao Porto, em que foi gravemente ferido n'este ultimo;

Tomada de Leiria, 15 de janeiro de 1834;

Sortida de Torres Novas, 25 de janeiro do mesmo anno;

Acção de Pernes, 30 de janeiro do mesmo anno;

Batalha de Almoster em 18 de fevereiro do mesmo anno.

Foi honrado nas ordens do exercito e boletins officiaes de 26 de julho e 8 de setembro — Ordem do Exercito n.º 193 de 9 de abril de 1834 pela maneira distincta e briosa com que se houve nas acções de 30 de janeiro e 18 de fevereiro antecedente — Portaria do misnisterio da guerra de 2 de agosto de 1864 pela boa execução dos trabalhos que lhe competiram no simulacro de reconhecimento militar feito á Praça de S. Julião da Barra em 3 de dezembro de 1863 — e outras pelos serviços prestados no acampamento de Tancos em 1866 e 1867 nos exercicios de instrucção, e por outras commissões. S. Ex.ª foi um dos officiaes que acompanhou o duque de Saldanha na celebre carga contra o inimigo em 25 de julho de 1833, e o unico official que hoje existe d'esse feito.

S. Ex.ª tem o curso completo de mathematica da extincta Academia Real da Marinha que completou em 1831.

Tem S. Ex.ª as seguintes distincções honorificas:

É cavalleiro de Malta, de Aviz, da Torre e Espada, e official d'esta ultima ordem; commendador de Aviz, de S. Mauricio e S. Lazaro, de Carlos III, e da Torre e Espada, grande official da Ordem de Nichan, e condecorado com a medalha n.º 4 da campanha, com as tres medalhas de ouro, de valor, bons serviços e comportamento exemplar.

E foi por ultimo, por graça de sua majestade el-rei e no dia do seu anniversario natalicio, elevado á dignidade de Grã-Cruz da ordem de S. Bento de Aviz.

Todas estas honrosisissimas distincções foram motivadas nos serviços importantes, e no nobre e correctissimo proceder do distincto militar, que tem tambem as honras de ajudante de campo da sua majestade el-rei o sr. D. Fernando, para que foi nomeado por decreto de 29 de janeiro de 1836 (Ordem do Exercito n.º 24 de 15 de abril) e de que foi exonerado em 1837 ficando com as respectivas honras.

Fez parte ha muitos annos o illustre general da *Commissão central do 1.º de dezembro de 1640*, a cujas sessões sempre concorreu, logo que os seus afazeres, e estado de saude lh'o permittiam, sendo um dos vogaes, cujo bom conselho, patriotismo e prudencia foram sempre escutados e considerados, como partindo de um caracter honrado e independente. E ultimamente pertencia á commissão executiva do monumento aos restauradores.

Enriquece com a sua physionomia sympathica e distincta o grupo que hoje publica este periodico.

Em conclusão — o general Mello Breyner tem sido um escrupuloso mantenedor das tradições gloriosas que herdou de seus nobres antepassados, — como militar, illustrou todos os postos que percorreu, com a coragem, com a honradez, com o bom exemplo que engrinaldam a sua distincta carreira com flores perduraveis e inextinguiveis — como deputado, e como escriptor, pagou á sua patria, á sua classe e á sciencia aquelles tributos que as consciencias honradas e independentes sabem e podem prestar-lhes, quando comprehendem, como elle comprehendeu, *a religião do dever*.

Como cidadão e como chefe de familia foi e é ainda exemplo de benevolencia a mais primorosa, de cavalheirismo o mais accentuado, e de carinho extremecido para com os seus.

Meyrelles de Tavora.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do povo e das escolas. David Corazzi, editor, Lisboa. O n.º 126 *Caminhos de ferro* e o n.º 127 *O exterior do cavallo*. Qualquer dos assumptos d'este dois livrinhos são bastante interessantes, e assim se vão completando os conhecimentos e vulgarisação d'esta importante bibliotheca.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.